
OS PROJETOS ESCOLARES E A FORMAÇÃO INTERCULTURAL DA CRIANÇA

THE INTERCULTURAL TRAINING OF THE CHILD THROUGH SCHOOL PROJECTS IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION

Camila Kathelin Pereira Freitas 16
Thais Aparecida da Silva 17
Gilson Xavier de Azevedo 18

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a respeito da eficácia do desenvolvimento da interculturalidade por meio dos projetos escolares no Ensino Fundamental, anos iniciais. Justifica-se o presente estudo pelo fato de que o Brasil possui uma ampla diversidade cultural e a escola é onde todas essas diferenças se encontram, assim como os projetos escolares estão presentes na vida do estudante desde o início de sua vida escolar, a interculturalidade torna-se um tema transversal necessário, do qual decorre a seguinte indagação: como os projetos escolares podem contribuir para a expansão do conhecimento dos estudantes por meio da interculturalidade? Trabalha-se com a hipótese de que a interculturalidade amplia a formação integral dos indivíduos. Apontam-se por resultados a diversidade de projetos que são abordados nas escolas, o envolvimento dos profissionais da educação e a formação adequada para mediar os educandos nos projetos para promover a interculturalidade.

Palavras-chave: Educação. Cultura. Projetos Escolares.

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

ABSTRACT

This article aims to investigate the effectiveness of the development of interculturality through school projects in elementary school, early years. The present study is justified by the fact that Brazil has a wide cultural diversity and the school is where all these differences meet, just as school projects have been present in the student's life since the beginning of his school life, interculturality makes a necessary cross-cutting theme, from which the following question arises: how can school projects contribute to the expansion of students' knowledge through interculturality? We work with the hypothesis that interculturality expands the integral formation of individuals. Results show the diversity of projects that are approached in schools, the involvement of education professionals and the adequate training to mediate students in projects to promote interculturality.

Key-words: Education. Culture. School Projects.

¹⁶ Graduanda em pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). (camilakathelin32@gmail.com).

¹⁷ Graduanda em pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). (thaisaparecidadm@gmail.com).

¹⁸ (Orientador) Graduado em Filosofia pela FAEME (2007), Ph.D. em Educação pela PUC GO (2020) (gilson.azevedo@ueg.br).

INTRODUÇÃO

Se existe algo pelo qual estamos rodeados o tempo inteiro e interagindo de forma direta ou indireta, consciente ou inconsciente, é a cultura. A cultura está presente no nosso interior tanto na forma de pensamento, crença, sentimento, expressão, quanto em nosso meio.

É por meio dela que conhecemos o mundo e a nós mesmos. Essas experiências tem papel fundamental para formação da nossa personalidade, influenciando diretamente no nosso julgamento. Dessa maneira, sendo a cultura algo extremamente vivo na sociedade e em nossa realidade pessoal, surgiu o interesse pelo tema a partir de experiências vivenciadas por meio da disciplina de Estágio Supervisionado na Docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essas experiências nos levaram na direção de pesquisar e compreender, primeiramente como é trabalhada e construída essa noção de cultura dentro das escolas e como a construção da consciência sobre interculturalidade ocorre.

Diante desse desejo de compreender mais sobre o assunto, percebemos que os projetos escolares são as atividades que mais marcam a questão cultural na escola, e estão presentes na vida da criança desde o início de sua vida escolar. Com a intenção de solucionar problemas, esclarecer dúvidas e incentivar a autonomia do educando tanto para si quanto para capacidade de fazer boas escolhas coletivamente, são elaborados projetos educacionais, propiciando cooperativismo e a interação com diversas outras crianças dentro no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que ambos são apresentados a novas culturas e começa-se a desenvolver o senso da realidade social que partilhamos, apresentando, simultaneamente as outras culturas e as dimensões que essas constituem.

As crianças participam de atividades e mobilizações executadas e elaboradas por meio dos projetos pedagógicos, estando ainda por muito tempo inconsciente de tamanha influencia que isso tomará no decorrer do seu desenvolvimento e formação como ser humano, assim como não tem consciência de sua própria cultura e sua contribuição natural para o meio social. Assim, por meio do conhecimento das diversas culturas, dos marcos e das especificidades que se encontra em cada realidade, as crianças podem compreender o conceito das diferenças com ludicidade, construindo valores como respeito, empatia e sabedoria, eliminando possíveis situações de preconceito e discriminação.

As reflexões apresentadas nos incentivaram a pesquisar a devida temática, pois a discussão sobre educação intercultural é uma necessidade para a sociedade, visto que cada vez mais a mesma traz seu caráter multicultural, e a escola se vê frente a grandes desafios para que

possa realizar de fato, uma educação intercultural e cumprir seu papel social na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por isso trabalha-se a importância de se propor, no âmbito escolar, não somente discussões sobre práticas pedagógicas, mas também espaços para o desenvolvimento intercultural. Desta forma, a relevância da pesquisa se encontra em evidenciar a interculturalidade adquirida mediante aos projetos escolares como sendo uma contribuinte para a formação de uma sociedade enriquecida culturalmente, bem informada e emocionalmente preparada para lidar com as diferenças de cada sociedade em particular.

O Brasil possui ampla diversidade devido a sua extensão de território e regiões caracterizadas de forma específicas, marcadas pela sua cultura. Além disso, existe ainda o micro do macro que é representado pelas culturas criadas e adquiridas de acordo com cada contexto social, família e crenças em que se desenvolve a vida de uma criança em formação. A escola é então o palco onde todas essas diferenças se encontram, se unem e se complementam, e para agregá-las ainda mais em prol de um objetivo coletivo são elaborados os projetos de acordo com a margem curricular, que busca integrar os estudantes do assunto em questão enquanto proporciona espaço para que haja integração dos mesmos entre si.

Os projetos escolares permitem que os educandos participem de forma ativa por meio de debates, decisões, trabalho em grupo, avaliando e gerenciando confrontos de ideias. A relação ensino/aprendizagem é focada na construção do conhecimento de maneira dinâmica, contextualizada, compartilhada, tendo envolvimento mútuo entre educadores e educandos, favorecendo a troca de experiências. Essa participação faz com que os estudantes desenvolvam um compromisso social e sua autonomia, se tornando sujeitos culturais e cidadãos informados.

Dentro do exposto, questiona-se: Como a interculturalidade pode contribuir para o crescimento pessoal e conhecimento das crianças por meio dos projetos escolares no Ensino Fundamental?

As crianças são indivíduos em fase de desenvolvimento de sua personalidade; nelas preexiste encontrada uma curiosidade natural, um desejo de sempre descobrir o mundo que as cerca. Desta forma, acabam dividindo suas experiências particulares em seus diferentes contextos sociais e conseqüentemente inserindo parte de sua cultura individual no processo da aprendizagem coletiva, o que constrói e sustenta a interculturalidade dentro das escolas. Nesse contexto, acredita-se que os projetos escolares tendo como objetivo resolver conflitos ou disponibilizar conhecimento de mundo, torna possível o relativismo cultural a partir da proximidade nas relações dos educandos, de forma direta e indireta, amplificando o seu

processo natural de compartilhamento e da construção do saber de forma crítica e cultural, assim contribuindo para expansão do saber e da formação da criança.

Dentro do contexto abordado, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar a formação intercultural da criança por meio dos projetos escolares nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Traçou-se como objetivos específicos: Discutir e relatar o que é cultura; associar cultura a interculturalidade; explicar o que são projetos escolares e examinar o desenvolvimento do mesmo na escola; explorar e verificar a contribuição dos projetos escolares para formação do conhecimento de mundo e desenvolvimento da interculturalidade nas crianças;

Sendo a pesquisa considerada uma investigação realizada por meio de um estudo aprofundado sobre determinado assunto, se faz necessário um planejamento para classificar e dividir os aspectos que devem ser estudados, analisados e compreendidos para a resolução do problema de forma clara e organizada.

Portanto, para toda e qualquer realização de uma pesquisa científica há a necessidade da metodologia como ferramenta fundamental para guiar seu curso, pois a pesquisa “é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos”. (GIL, 2002, p. 17).

Sendo assim, esta pesquisa tem sua natureza exploratória de carácter bibliográfico com pesquisa de campo de observação e aplicação de questionário. Considerando a classificação dada por Gil (2002) esse tipo de pesquisa permite maior proximidade e familiaridade com o problema, além de deixá-lo mais explícito e possibilitar a construção de hipóteses. No decorrer da pesquisa serão abordados diversos autores dentre eles Candau (2008), Brandão (2002), Freire (1981), Oliveira (2015), Santiago, Akkari e Marques (2013) que foram de grande importância para o desenvolvimento e engrandecimento da fundamentação teórica e da pesquisa como um todo.

A análise dos dados coletados por meio do questionário será qualitativa. O questionário será com questões abertas. Será feita a observação em campo afim de analisar o desenvolvimento, a metodologia e os resultados de um projeto escolar em uma escola pública de Ensino Fundamental. De acordo com Fernandes (2009) os métodos qualitativos representam uma ligação entre o objetivo e os resultados que não podem ser interpretadas por meio de números, nomeando-se como uma pesquisa descritiva.

1 CULTURA E INTERCULTURALIDADE

No presente capítulo serão apresentados os embasamentos teóricos que serviram de fundamentação para a pesquisa. Partindo inicialmente do conceito, definição e entendimento sobre o que é cultura e a partir deste pressuposto e desenvolvimento da base em que se fundamenta a interculturalidade, discutir sobre como ela se insere no contexto social e escolar.

1.1 Conceito de cultura

Cultura é um termo muito complexo devido as partes que constituem sua definição estarem inseridas em inúmeros contextos e variáveis, tais como a história da humanidade, hábitos, costumes, crenças, a arte e tudo que envolve o mundo do ser humano. Existem áreas que estudam e compreendem a cultura de maneiras específicas como a antropologia, a filosofia e a sociologia.

Neste capítulo, portanto, serão apresentados estudos baseados nessas diversas áreas, e principalmente na visão da antropologia, em que o principal método de estudo se dá pela observação dos indivíduos, (englobando diversas atividades humanas, incluindo práticas e crenças) com a intenção de construir um conceito complementar às amplas dimensões que representam essa palavra com uma riqueza de significado.

Etimologicamente Cultura e tudo o que é criado é considerado derivado da natureza, em sua raiz etimológica a palavra traz o próprio significado de cultivo da terra ou o “cultivo do que cresce naturalmente”. (EAGLETON, 1943, p. 9).

De acordo com Souza e Pereira (2014) a origem da palavra, derivada do latim cultos, que inicialmente era utilizada para “se referir ao cultivo da terra e o gado” e ao adentrar no século XVIII onde nascia uma profunda adoração ao cultivo do pensamento, o termo passou de cultivo de animais para o cultivo do pensar, ou seja, “cultura” agora teria seu sentido figurado modificado para significar o cultivo ao espírito.

Eagleton (1943) afirma que tudo aquilo que pode ser modificado pelo homem é cultural, entretanto a matéria que é alterada já tem sua própria natureza e sua existência autônoma, e essa existência natural já inserida em cada componente é existente também no homem. Desta maneira, não poderia o homem ser algo diferente do que o produto de sua própria cultura, pois ao moldar e modificar aquilo que está fora (na sociedade), modifica-se também o que há dentro (na personalidade), podendo essa cultura se expressar de diversas maneiras na matéria, e se classificar ainda de amplas formas:

A cultura pode ser de acordo com sua classificação tópica, histórica, mental, simbólica, estrutural, universal, total, particular, primitiva, desenvolvida, instruída, analfabeta, racional e ideal; entre outras, e está composta por elementos concretos ou materiais como: alimentos, modas, festas, artes, construções arquitetônicas e monumentos; e por outros, os simbólicos ou espirituais, entre os que se contam os valores, as crenças, as normas, a arte e a linguagem, sendo a partir e graças a estes que pode-se diferenciar ou reconhecer uma cultura em respeito de outra (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 12).

Assim, a “natureza” representa aquilo que é essencial e igual, enquanto que a “cultura” se compõe em elementos que realçam a diferença entre o homem e outras naturezas, inclusive a que ele mesmo modifica. Nesse sentido, o termo cultura pode ser entendido como toda e qualquer construção e desconstrução que ocorra a partir do homem, no plano material e imaterial com a função de adaptar o indivíduo ao meio social e natural em que vive, permitindo por meio da herança cultural que os indivíduos se expressem de forma única, não somente por meio da linguagem (ESCOSTEGUY, 2018).

Para Santos (1987), a compreensão da cultura está intimamente ligada ao desenvolvimento da humanidade como um todo e ao mesmo tempo às nações, sociedades e grupos humanos. Estes grupos possuem cada qual suas particularidades e lógicas internas, fazendo sentido suas práticas, costumes, concepções e transformações para um grupo diferentemente do que fazem para outros. Brandão ainda enfatiza nesse sentido:

“Nós somos aquilo que nós fizemos e fazemos ser. Somos o que cria-se para efemeramente nos perpetuarmos e transformarmos a cada instante. Tudo aquilo que cria-se a partir do que nos é dado, quando toma-se as coisas da natureza e as recria-se como objetos e os utensílios da vida social representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chama-se de: cultura. O que fazemos quando inventa-se os mundos em que vivemos: a família, o parentesco, o poder do estado, a religião, a arte, a educação e a ciência, pode ser pensado e vivido em uma outra dimensão”. (BRANDÃO, 2002, p.22 apud OLIVEIRA, 2015, p.35).

Desta forma, o homem cria e se recria, inventando novas formas de organizar e adaptar o seu universo de acordo com suas ideias. Isso iniciou, seguindo a linha de pensamento de Santos (1987) com os primeiros grupos humanos que eram nômades e dependentes de caça e da coleta para sobreviverem. Eles passaram a ter o conhecimento do cultivo pela agricultura e da domesticação de animais, se tornando assim sedentários, ou seja, vivendo em aldeias e vilas, possibilitando a construção de uma sociedade coletiva.

Os recursos naturais passaram a ser transformados pelo homem e para o homem, e decorrente disso surgiu a possibilidade de estabilização e a construção de uma sociedade organizada, sendo importante salientar que isso se tornou realidade não só pela transformação e ressignificação dos recursos naturais, mas primordialmente pelos aspectos sociais que

permitiu o convívio e a reorganização do humanos entre si, dando início às primeiras ações políticas na história, o que está naturalmente ligado aos fundamentos para o conceito de cultura. Neste sentido, Freire afirma:

“Todos os produtos que resultam da atividade do homem e das mulheres, todo o conjunto de suas obras, materiais ou espirituais, por serem produtos humanos que se desprendem do homem, voltam-se para ele e o marcam, impondo-lhe formas de ser e de comportar também culturais. Sob este aspecto, evidentemente a maneira de andar, de falar, cumprimentar, de se vestir, os gestos são culturais. Cultural também é a visão que têm ou estão tendo os homens e as mulheres da sua própria cultura, da sua realidade” (FREIRE, 1981, p. 57 apud OLIVEIRA, p. 35).

Visto que cada ser humano é capaz de criar e recriar a partir do meio em que se desenvolve, não seria estranho se houvessem milhares de pessoas e culturas no mundo, e que cada visão e interpretação de cada uma dessas culturas existentes fossem dependentes e relacionadas, de acordo com sua própria posição cultural. Entretanto a dimensão de cultura expande-se mais além do que a visão relativa e limitada que cada ser já inserido em uma cultura possa ter, sendo possível existir incontáveis culturas diferentes e dentro delas, o respeito por cada uma.

Na história da cultura, entretanto, esse respeito e valorização da diversidade cultural sempre possuiu dificuldade para se inserir na sociedade: estudos citados por Santos (1987) relatam a busca por hierarquizar as culturas usando como referência o modelo Europeu, considerado o “mais desenvolvido”; todas as outras culturas que não atendiam a esse modelo eram consideradas inferiores ou até mesmo “estranhas”.

No Brasil, durante a colonização essa hierarquização fez-se presente durante um grande período de tempo, marcando com dor e sofrimento a vida de indivíduos negros, principalmente do continente africano, que eram escravizados e obrigados a renunciar sua cultura, em busca de uma “branquização” da sociedade. Hoje em dia, ainda se nota diariamente os casos de racismo, o negro ainda é visto como inferior e associado marginalidade.

Santos (1987) defende a ideia de que a diversidade cultural só pode ser de fato respeitada enquanto nenhuma cultura for vista como melhor ou pior que a outra, pois cada qual possui o seu valor único pela sua própria história construída por meio de cada sociedade e de suas formas próprias de se organizar, dominar e agir sobre os recursos da natureza.

A cultura passa a ter seu valor então, quando observada e contemplada pela sua própria característica de pluralidade, pois, o ser humano por ser naturalmente cultural e produto de sua própria cultura, é dotado de uma capacidade de se adaptar e reinventar em qualquer ambiente

que esteja situado, sendo essa por si só uma característica inerente a todos os humanos e, portanto, digna de gerar respeito por cada um dos seus iguais. Segundo Albó (2005):

As culturas são vivas, como os seres humanos, e como eles, sua continuidade não é estática, mas dinâmica. Mesmo que continuemos a manter uma forte fidelidade à nossa identidade cultural, nenhum de nós vive sua cultura como o faziam nossos avós. As culturas estáticas são as que já desapareceram ou foram 'congeladas' nos museus. (ALBÓ, 2005, p. 37).

Sendo assim, a cultura está presente em nossa vida desde que nascemos, e quando criança em nosso meio familiar, vivemos um processo chamado inculturação, que nada mais é que sua socialização e interação com os membros de nossa família/comunidade e a interiorização de toda a sabedoria e todos os valores do seu povo; isso vai se tornando parte de sua própria estrutura pessoal (ALBÓ, 2005). Ela precisa antes de tudo se conhecer, saber sobre o grupo que pertence e se aceitar como é.

Reconhecer a própria identidade significa fincar raízes dentro de si. Começa com o reconhecimento e a aceitação da própria personalidade, do 'eu', que tem em seguida sua expansão natural ao sentir-se parte de um grupo social básico de referência, de um 'nós' compartilhado entre várias pessoas. (ALBÓ, 2005, p. 37).

Nesse sentido a educação tem um papel fundamental para conduzir a criança ao processo de construção e (re)conhecimento de sua própria identidade, considerando que a cultura já é em parte inserida por meio dos familiares e do meio social em que vive, ela se torna um sujeito de aprendizagem e, portanto, a escola tem o papel de desenvolver valores éticos e culturais ao passo em que proporciona espaço para essas amplas culturas interagirem entre si.

No Brasil existe uma grande diversidade cultural e é comum surgirem situações de discriminação, intolerância e preconceito, por isso é necessário não somente práticas que reconheçam essa diversidade, mas que também desenvolvam e demonstrem respeito. Tais práticas que vão além do reconhecimento das culturas, mas de respeito e valorização às diferenças e a individualidade de cada um, denominam-se interculturais, tema a ser tratado a seguir.

1.2 Interculturalidade no meio social e escolar.

A interculturalidade, se consolida como um meio de diversas culturas se relacionarem, debaterem, reconhecerem suas diferenças e acima de tudo se respeitarem. De acordo com Moreira:

Não há como analisar essas diferenças sem levar em conta que determinadas 'minorias', identificadas por fatores relativos à classe social, gênero, etnia, sexualidade, religião, idade, linguagem, tem sido definida, desvalorizada e discriminada por representarem 'o outro', 'o diferente', 'o inferior'. (MOREIRA, 2002, p. 17-18).

Em sociedade, existem diversos grupos econômicos, posição e prestígio social, e um histórico social que dificulta o processo de interculturalidade, havendo registros desde a formação do povo brasileiro, de classes dominantes que discriminaram e consideraram aqueles considerados inferiores pelo erro biologicista de raça, mesmo que ao ponto de vista legislativo fossem "todos iguais".

A raiz das atitudes contrárias entre os que se sentem 'acima' e 'abaixo' é a estrutura injusta de dominação econômica, política, social e cultural que existe em nossa sociedade desde os tempos coloniais, se não antes, até os atuais esquemas de globalização excludente. Enquanto durar essa estrutura desigual e injusta, ela continuará provocando essas atitudes opostas. Portanto, é preciso trabalhar para transformar essa estrutura em outra, mais justa (ALBÓ, 2005, p. 55).

As contribuições de Albó (2005) e Moreira (2002) se associam às reflexões apontadas por Candau (2012), que defende os grupos (negros, indígenas, homossexuais, deficientes etc) de pessoas subjugadas pelo poder econômico e traz suas contribuições associadas ao termo 'interculturalidade', trabalhando com a desconstrução da padronização, reconhecendo o diferente, e lutando contra as formas de desigualdade assumindo o reconhecimento de direito básico de todos, independentemente de suas condições:

A igualdade que quero construir assume o reconhecimento de direitos básicos de todos. No entanto, esses todos não são padronizados, não são os "mesmos". Devem ter as suas diferenças reconhecidas como elemento de construção da igualdade. Diferenças que, como já se afirmou, são construções históricas e sociais e estão atravessadas por relações de poder (CANDAU, 2012, p. 239).

Assim, a interculturalidade traz a ideia de aceitação, respeito e valorização como iguais nas diferenças e culturas, tanto em qualidades quanto em direitos, apesar de possuímos identidades distintas, bem como da cultura hegemônica que existe quando se trata de classes sociais. A interculturalidade se torna um caso de alteridade que se dá por meio do relacionamento entre pessoas que são diferentes por sua cultura, sexo, cor, pela filiação política etc.

A Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos (individuais e coletivos), saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça (social, cognitiva e cultural) assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, por meio de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença (CANDAU, 2013, p. 1).

No ambiente escolar é onde todas essas diferenças se encontram e conseqüentemente se relacionam, é o primeiro contato dos estudantes com essas múltiplas diversidades. De acordo com Santiago, Akkari e Marques (2013) a adoção de uma perspectiva intercultural pode repercutir no cotidiano das instituições educacionais, favorecendo o diálogo entre as diferenças e problematizando discursos que tratem as identidades. Parte daí o processo da interculturalidade na escola, que se faz pela relação e a interação entre as diversas culturas, algo que é inevitável na convivência escolar, e que deve despertar essa consciência de empatia por meio da vivência com o outro.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular, 2018), em suas competências gerais da educação enfatiza a importância da diversidade cultural para o desenvolvimento da criança como um ser livre, autônomo, consciente e responsável, por meio da didática que se desdobra nas interações que ocorrem dentro do ambiente escolar ao longo das etapas da Educação Básica.

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2018, p. 9).

Sendo assim, para que aconteça a verdadeira interculturalidade o estudante deve conhecer a própria cultura, valorizando o que é seu e aceitando como é, por mais que sofra rejeição. A escola deve respeitar o histórico sócio cultural de cada estudante, não rompendo suas experiências anteriores ou impondo uma experiência completamente distinta e fora do contexto cultural de cada educando, mas sim fazendo uma extensão do conhecimento pré-existente em coerência com o proposto pelo currículo; neste sentido a didática com os projetos escolares é bem vinda e pode se tornar um grande aliado no processo de interculturalidade juntamente com os conhecimentos oferecidos pela escola.

É essencial que a criança aprenda desde cedo que existem pessoas diferentes e que devemos respeitar suas individualidades, trazendo o fortalecimento da própria identidade cultural e a abertura às pessoas de outras culturas, assim todos podem aprender juntos e enriquecer mutuamente sem perder a identidade uns dos outros. “a interculturalidade se constrói como uma colcha de retalhos, a partir da qual os sujeitos em vínculos se permitem fazer escolhas peculiares de integração e transformação cultural”. (WEISSMANN, 2019, p. 26).

A EFI (Educação Fundamental Intercultural) por exemplo, é um modelo educativo que emprega a língua e a cultura materna para começar a desenvolver a personalidade do educando, complementando-a depois com a abertura a outras línguas e culturas, esse modelo é utilizado principalmente em grupos de população indígena (ALBÓ, 2005) e pode vir a inspirar a prática pedagógica em outras culturas.

A formação de professores também deve ser levada em consideração, pois é muito importante que as universidades tratem da temática intercultural. Canen e Oliveira (2002) acrescentam que:

Perceber a prática pedagógica multicultural como uma prática que se constrói discursivamente, por causa de intenções voltadas ao desafio à construção das diferenças e dos preconceitos a ela relacionados, parece ser um caminho central para a concepção de uma formação de professores multiculturalmente comprometidos. Em tempos de choques culturais e intolerância crescente quanto àqueles percebidos como “diferentes”, a educação e a formação de professores não podem mais omitir quanto à questão multicultural. Narrar nossas experiências, dialogar com movimentos sociais e com práticas efetivas nessa linha, bem como incrementar nossas pesquisas sobre pedagógicas multiculturalmente comprometidas são, sem dúvida, alguns caminhos promissores para a concretização do ideal multicultural no currículo em ação (CANEN; OLIVEIRA, 2002, p. 73-74).

Na perspectiva de Canen e Oliveira, citados acima, os profissionais da educação devem ter uma certa sensibilidade diante das situações, percebendo que acontecimentos diferentes exigem medidas distintas, possibilitando que o estudante reflita sobre sua realidade e a dos demais.

Quando existe maioria de contingente escolar de outra língua ou outra cultura, é necessário que os educadores saibam conhecer e dominar bem a língua e a cultura desses educandos. Cada escola deve ter um número necessário de professores da mesma origem cultural, mas a presença de professores de outras culturas pode contribuir para apoiar o processo de diversidade cultural. O que se vê bastante em escolas que recebem comunidades indígenas, onde o educador precisa conhecer a cultura deles e sua língua falada e escrita.

É importante que o sistema educativo incorpore uma sólida formação ética, social, política e econômica dos educadores, para que o seu trabalho educativo leve a ações transformadoras (ALBÓ, 2005), assim, os educadores estarão preparados para lidar com essa temática possibilitando debates, trocas de ideias, pesquisa de informações e dinâmicas para que os estudantes conheçam a realidade uns dos outros e o meio cultural em que eles vivem.

É preciso saber lidar com situações problema que ocorram nesse processo, com sensibilidade e criatividade. Reconhecendo que todos têm direito a aprendizagem em todos os

níveis da educação, eliminando situações de discriminação nas escolas e nos demais espaços sociais.

A interculturalidade é então concebida como uma estratégia ética, política e epistêmica. Nesta perspectiva, os processos educativos são fundamentais. Por meio deles questiona-se a colonialidade presente na sociedade e na educação, desvela-se o racismo e a racialização das relações, promove-se o reconhecimento de diversos saberes e o diálogo entre diferentes conhecimentos, combate-se as diferentes formas de desumanização, estimula-se a construção de identidades culturais e o empoderamento de pessoas e grupos excluídos, favorecendo processos coletivos na perspectiva de projetos de vida pessoal e de sociedades 'outras'. (CANDA; RUSSO, 2010, p. 166)

A partir desse reconhecimento da importância do desenvolvimento da interculturalidade que integrados aos projetos escolares, que se tornou uma metodologia a ser utilizada em sala de aula e propiciar a interação entre os estudantes de maneira ativa e participativa, juntamente com a mediação do professor.

2 A PEDAGOGIA DOS PROJETOS ESCOLARES

Este tópico pretende explorar a pedagogia dos projetos escolares, a partir de uma reflexão acerca do que são os projetos escolares e de como eles acontecem no ambiente escolar, na sequência serão abordados os caminhos para elaboração dos projetos incluindo metodologia para o planejamento, qual o papel do estudante e do professor e ainda a importância da formação docente para que os projetos didáticos possam vir a ser uma ferramenta eficaz no desenvolvimento da interculturalidade na escola.

2.1 Projetos Educacionais: Breve Reflexão

A palavra projeto vem do latim *projectu* com significado de “lançado para diante”. É um princípio de algo que tem o objetivo de se tornar real e diante das ações ele começa a ganhar forma.

Um projeto apresenta duas características fundamentais: antecipação do futuro e flexibilidade (não-determinação). A primeira indica que um projeto se distingue de uma previsão ou de uma utopia, que não diz respeito a um futuro a realizar. A segunda característica é a abertura para o novo, para o universo das possibilidades (MACHADO, 1997, p. 63).

O projeto está diretamente ligado à ação, algo que está prestes a se realizar. Sem a ação é apenas um desejo. Enquanto não materializada as ações, o projeto existe, quando ele é executado ele deixa de ser um projeto e passa a ser algo concreto. Os projetos existem há muitos anos e foram se modificando ao longo dos tempos.

Atualmente os projetos pedagógicos são planejados pela coordenação pedagógica da instituição ou pela secretaria de educação do município, restritos, na maioria das vezes, a datas comemorativas, o que acaba por limitar as práticas somente a essas datas. Entretanto, os que ocupam cargos de coordenação pedagógica nas escolas em geral, vieram da profissão docente e sabem dos desafios que impõe a sala de aula, inclusive em relação às diferenças de contextos socioculturais e às particularidades de cada um no que diz respeito às múltiplas inteligências.

Os projetos não devem ser responsabilidade somente dos coordenadores, mas desenvolvidos coletivamente, pois um só indivíduo não poderá prever como será a ação projetada e ter noção de todas as dimensões que compõem a ação, apenas do seu ponto de vista.

Na realidade, o que ocorre são projetos lançados para serem realizados ao longo do ano, já pré-estipulados no início do ano letivo, na maioria das vezes baseados nas datas comemorativas ou com pouca elaboração, fundamento ou conhecimento específico a respeito do ato de projetar, assim “qualquer cartaz pendurado na parede com desenho de três patinhos já é denominado ‘Projeto Animais’, reduzindo desta forma um projeto à mera elaboração de cartazes”. (NOGUEIRA, 2007, p. 77).

O professor ao produzir um projeto deve questionar os motivos de desenvolvê-lo antes de iniciá-lo. Quando isso não ocorre, os “projetos” elaborados não passam de cartazes pendurados nos corredores da escola, visto que foram desenvolvidos sem nenhuma intenção de resultados. “Simplificar um projeto apenas na elaboração de cartazes é olhar de forma muito reducionista para essa dinâmica de trabalho”. (NOGUEIRA, 2008, p. 35).

Ainda de acordo com Nogueira (2008) esse reducionismo ou simplificação excessiva de projetos temáticos ou de trabalhos, mostra-se preocupante, pois as oportunidades para que o estudante desenvolva suas habilidades e competências, resolva problemas e interaja de forma ativa, acabam sendo prejudicadas, e as escolas, ficando divididas entre uma linha de modismo e uma excelente proposta de interação e aprendizagem entre os estudantes por meio dos projetos.

Para tanto é necessário esclarecer as intenções, o fim que se espera para o projeto em questão, os motivos para realizá-lo, os objetivos a serem alcançados e as expectativas sobre os professores e estudantes durante a realização.

Compreende-se que a única maneira de sanar esse reducionismo é o próprio conhecimento e interesse do público docente para compreender o que realmente são e como se põe em prática os projetos. Nogueira acrescenta a respeito da função dos educadores que se constitui em: “[...] voltar todos os esforços para que a práxis esteja norteadada para a excelência e não para a simplificação. É necessário (re)pensar os projetos dentro de uma concepção mais

ampla, da qual surge então a Pedagogia dos Projetos, que visa ampliar a visão em função de uma prática”. (NOGUEIRA, 2008, p. 33).

É preciso que o professor compreenda a função dos projetos, como ele pode auxiliar na práxis e quais são as vantagens de utilizá-los como método pedagógico. Hernández (1988, p. 49) enfatiza que o trabalho por projeto “não deve ser visto como uma opção puramente metodológica, mas como uma maneira de repensar a função da escola”.

É significativo saber sobre o papel dos diferentes atores: o grupo gestor e sua proposta pedagógica para formar um cidadão consciente e reflexivo; o professor e seus objetivos curriculares e extracurriculares; os estudantes, a autonomia deles e comunicação entre si; relação entre projetos e competências gerais, e principalmente ter consciência da importância do coletivo e do participativo, proporcionando espaço para a multiculturalidade ser manifestada e assim, ampliar o conceito sobre os projetos escolares, sem reduzir a prática somente a pesquisas realizadas na internet e trabalhos prontos, sem propiciar devida interação, atividade de pesquisa e envolvimento entre os participantes.

2.2 Caminhos percorridos para elaboração de projetos

Os procedimentos metodológicos para a elaboração de um projeto não se apresentam de forma fixa, mas segundo Boutinet (2002, p. 238), geralmente apresentam três etapas que se mostram essenciais para sua elaboração e execução:

- Análise e diagnóstico da situação;
- Esboço de um projeto possível;
- Concepção de estratégias a serem utilizadas.

Ainda de acordo com o autor (BOUTINET, 2002, p. 234), existem quatro premissas básicas e fundamentais que devem ser pensadas e respeitadas para o desenvolvimento do projeto:

-Unicidade da elaboração e da realização relacionada à não separação entre os que concebem o projeto e os que o realizam;

-Singularidade de uma situação a ser ordenada significando que a resposta a uma questão depende do contexto e será delimitada;

-Gestão da complexidade e da incerteza, haja vista que os projetos são destinados a administrar a indeterminação de uma situação problemática que deve ser tomada em toda a sua complexidade;

-Exploração de oportunidades em um ambiente aberto, que implica um olhar diferenciado sobre a realidade para identificar algo a fazer que somente possa ser realizado a

partir da ação concreta dos sujeitos. Ressaltamos que tais premissas se apresentam adequadas e em consonância com o nosso enfoque interdisciplinar escolar.

Por partir de uma problemática a ser desenvolvida entre pessoas, o projeto didático deve ser pensado, elaborado e colocado em prática por essas mesmas pessoas que estarão envolvidas, sabendo que estarão lidando com seres de cultura, personalidade e intelecto diferenciados, todos os envolvidos deverão estar cientes destas complexidades e da incerteza citada por Boutinet (2002, p. 234).

Ao lidar com indivíduos diferentes, as possibilidades são também inúmeras, ao projetar não se sabe com certeza qual será o resultado final, mas deve-se manter a convicção do que se deseja alcançar. Sendo assim, "não se faz projeto quando se têm certezas, ou quando se está imobilizado por dúvidas". (MACHADO, 2000, p. 7).

De acordo com Pacheco (2007) a metodologia de ensino por projetos se dá em três momentos: **o planejamento de pesquisa** (que deverá ser supervisionado e orientado por um educador, e o educando atuará como pesquisador). **A execução das atividades de coleta e sistematização da informação** (envolverá o tema de pesquisa, o plano de voo, os questionamentos, as hipóteses, e as fontes e métodos). E por fim, **a apresentação do produto final** da pesquisa que deverá revelar os resultados e dar nome ao projeto.

O planejamento da pesquisa envolverá a conduta do professor em explicar, esclarecer e mediar o processo do projeto, se responsabilizando pela orientação dos estudantes, esses que passarão a atuar como pesquisadores e descobridores, enquanto que o professor deve oferecer apoio e auxiliar na solução dos obstáculos que surgirem.

Em seguida, a escolha do tema da pesquisa deverá ser o ponto de partida, a execução das atividades de coleta e sistematização da informação; o tema "necessariamente, inicia-se na curiosidade do estudante. Mas deve guardar relação, ainda que distante ou indireta, com os conhecimentos formais trabalhados pela escola". (PACHECO, 2007, p. 4).

Para Nogueira (2008, p. 61) o tema dos projetos pode surgir de diferentes formas, tais como: "Por meio de discussões entre os estudantes sobre um determinado assunto que parece ser de interesse de todos (ou da maioria), como, por exemplo, a copa do mundo, um desastre ecológico, o tema da campanha da fraternidade estabelecido naquele ano, um problema específico da cidade ou da comunidade local etc".

De temas, problemas ou assuntos que ficaram pendentes em outros projetos e agora emergem novamente como interesse dos estudantes. De recados tácitos "demonstrados" pelos estudantes, como, por exemplo, desenhos "obscenos". (depende muito do ponto de vista de

quem vê) que diariamente a professora encontra na lousa, e que apaga sem comentar a respeito ou de revistas sobre sexo que são encontradas nas carteiras dos estudantes.

Pacheco (2007) ainda acrescenta estratégias como “uma saída de campo, uma palestra, uma oficina pedagógica, a exibição de um filme ou mesmo uma aula expositiva que suscite dúvidas e curiosidades suficientemente fortes a ponto de motivar a busca por novas informações” como ações que podem despertar o interesse dos educandos e iniciar uma possível discussão sobre a necessidade que o tema irá tratar.

De qualquer forma, o foco volta-se para o interesse do estudante e entra a atuação do professor com o objetivo de realizar estratégias para a proposição dos mesmos, analisando onde os educandos se mostram mais interessados e estimulando essa interação e curiosidade. O estudante deve ter autonomia e debater com os demais colegas, de forma que ouça a opinião de todos e o tema que sugerem e cheguem a um consenso final.

Decidido o tema, inicia-se o processo da escrita do projeto de pesquisa como o “plano de voo”, que terá o objetivo de nortear o educando e o educador pela sua intencionalidade pedagógica, deixando claro a escolha da pesquisa e o porquê, bem como traçando as metas, objetivos e analisando hipóteses levantadas pelos estudantes (essas que auxiliam o educador a perceber a compreensão do educando sobre o problema em questão).

Os estudantes devem explorar suas curiosidades acerca do assunto escolhido e realizarem seus questionamentos. De amplas ideias, culturas e pontos de vista, as perguntas podem ser tanto iguais quanto diferentes. Cabe ao docente articulá-las e encontrar pontos em comum, valorizando a autonomia do estudante e mediando a interculturalidade.

Após e por meio da exposição e debate dos objetos de curiosidade dos educandos com o professor, poderá se delimitar à escolha das fontes que serão utilizadas para realizar a pesquisa, e nesse momento o educador deve orientar os estudantes a buscarem informações mais pertinentes, oferecendo auxílio e orientação para o uso de tecnologias e materiais diversos para pesquisa.

Por fim, definido o tempo disponível para realização da pesquisa e desenvolvimento do projeto dado pelo orientador, deve ser confeccionado um cronograma para organizar o planejamento das etapas da pesquisa, e o tempo que será gasto coletivamente no desenvolvimento dessas atividades na escola, ou individualmente fora do horário.

A partir desse norte os estudantes deverão caminhar para concluir o projeto e apresentar os resultados, e o educador deve novamente oferecer apoio, motivar, evidenciar e verbalizar sobre a pesquisa, dando abertura para dividir e receber mais conhecimento

juntamente com os estudantes. Sempre dando abertura para a participação de toda comunidade escolar, respeitando a individualidade de cada um.

Os projetos didáticos, por mais comuns que possam parecer possuem dimensões que são exploradas somente quando se obtém o aporte teórico necessário para se fazer compreender o real significado e uso da pedagogia de projetos, bem como da importância da colaboração do coletivo para realização da mesma.

É relevante acentuar que, apesar da responsabilidade primordial em co-criar o projeto, se dirija aos educadores, a outra parte dessa responsabilidade se encontra na atuação dos educandos, esses que são peça-chave para realização de qualquer projeto, pois serão eles que atuarão como protagonistas deste trabalho. E para isso, devem ser guiados de maneira que todos possam produzir e interagir, entrando em um processo de troca que somente o multiculturalismo existente nas relações cotidianas pode oferecer, produzindo entre si um aprendizado mútuo e ao mesmo tempo, individual.

Partindo da ideia de que cada estudante pensa e aprende de formas distintas, deve-se flexibilizar as ações pedagógicas na busca de estratégias que vão além dos métodos já conhecidos em sala de aula. “Quando trabalha-se apenas de forma conceitual, alguns estudantes vão aprender mais, outros menos, e outros não vão entender nada do que está sendo exposto pelo professor”. (NOGUEIRA, 2008, p. 50).

O educador dentro da sala de aula se depara com estudantes de interesses diferentes e com diversas características. O modelo educacional já existente, é desenvolvido para se enquadrar em toda a sala de uma só forma, considerando que todos pensam e aprendem de maneira igual, o que o torna massivo e mecanicista. Para contrariar esta concepção de ensino uniformista, surge o ensino centrado no estudante que considera as particularidades de cada um e sua individualidade.

Nessa abordagem é fundamental observar cada estudante, analisar seus pontos fortes e fracos, verificar suas áreas de interesse, sua atuação em cada uma das atividades propostas, pois só após um olhar analítico o professor terá a chance de propiciar oportunidades específicas ao estudante em questão, garantindo desta forma que cada um receba a educação na dose necessária para desenvolver seus potenciais intelectuais (NOGUEIRA, 2008, p. 51).

Esse é o papel fundamental do professor, de modificar e sair da zona de conforto da sala de aula, de buscar o trabalho centrado no estudante como um ser autônomo com vontades próprias. Gardner cita:

Na mesma perspectiva: “[...] em minha opinião, os obstáculos reais à educação centrada no indivíduo não são as restrições financeiras ou as limitações de conhecimento, mas, ao invés disso, as questões de vontade. Na medida em que escolhemos acreditar que a abordagem centrada no indivíduo não é válida, ou, mesmo que seja válida, simplesmente não é prática, ela parecerá utópica. Entretanto se decidirmos abraçar os objetivos e os métodos da educação centrada no indivíduo, não tenho nenhuma dúvida de que podemos fazer progressos significativos nessa direção (GARDNER, 1995, p. 71).

O professor deve se posicionar, pois existe uma realidade no Brasil em que a maioria das salas de aulas (no ensino público) abrigam uma quantidade de estudantes maior que a capacidade recomendada e sofrem uma carência de recursos materiais, o que os desmotiva a aprender.

É importante não cruzar os braços, buscar conhecimentos na área de projetos, pois “ao trabalharmos com os projetos, os estudantes vão apresentar uma tendência natural de tentar desenvolver ações e procedimentos relacionados à(s) melhor(es) área(s) do seu espectro de inteligências”. (NOGUEIRA, 2008, p. 52). Com isso, os estudantes vão descobrindo quais são suas preferências e aprendem de forma prazerosa, e de forma mútua eles se ajudam e trocam experiências.

Ainda de acordo com Nogueira (2008, p. 53) os projetos apresentam as seguintes vantagens:

- Possibilitar um trabalho procedimental;
- Propiciar maior interação entre os estudantes;
- Facilitar o trabalho com a concepção de conhecimento por rede de significados;
- Possibilitar o atendimento às diferentes formas de aprendizagem dos estudantes e auxiliar no desenvolvimento do espectro de competências;
- Auxiliar no desenvolvimento da autonomia, da criatividade, das relações interpessoais e do espírito de cooperatividade, da facilidade de aceitar desafios, resolver problemas, estabelecer conexões etc.

Os projetos além de tudo, ensinam os estudantes a olhar o mundo com outros olhos, de forma a enxergar suas relações, a sociedade e sua cultura de forma problematizadora e coletiva, além de propiciar a interação entre culturas de forma direta, favorecendo a interculturalidade e a autonomia. Para mediar essa interculturalidade de maneira prática, o professor precisa estar atento a todos os problemas que os estudantes estão passando, observando suas necessidades, seus medos e seu contexto social. Diferentemente de trabalhar “temas da moda”, que até podem favorecer a interculturalidade e a interação, entretanto não tratará de forma integral o problema existente naquela turma.

Muitos estudantes têm certo receio de comentar sobre determinados assuntos e demonstram com atitudes do cotidiano suas dúvidas e interesses. O que pode ocorrer também são brigas na escola entre os estudantes, que é uma forma violenta de resolver conflitos; outro fato é a falta de higiene entre eles que pode ser notada pela desordem da sala de aula ou cheiros desagradáveis partindo dos estudantes. Esses assuntos por ventura, podem se tornar projetos, basta o professor observar e saber escutar os recados vindos dos estudantes. É importante ter esse olhar modificado, analisando se o projeto será relevante, se trará novos conhecimentos ou se atende às reais necessidades dos estudantes.

Mesmo que o professor planeje um projeto juntamente com a coordenação da escola, a fim de atingir os objetivos do PPP, ele deve buscar a aprovação dos estudantes mostrando a importância do projeto e os motivos de desenvolvê-lo. Os estudantes são parte crucial desse processo e precisam estar abertos e interessados a participarem do desenvolvimento do projeto, e para isso precisam ficar por dentro do tema a ser trabalhado.

Entretanto para todo e qualquer bom resultado é necessário que se efetivem todas as partes que compõe um projeto (desde a intenção, a visualização, metodologia, criação, o planejamento, a pesquisa, a escrita, participação) bem desenvolvidas, e para isso é imprescindível que aqueles que estarão no comando estejam suficientemente embasados, munidos com informação e formação adequadas para mediar essa pedagogia, pois “a metodologia de ensino por projetos é, sem dúvida, um movimento de redefinição das práticas pedagógicas”. (PACHECO, 2007, p. 20).

Desta maneira, o projeto utilizado como metodologia de ensino na escola pode não só favorecer os resultados desejados pelos profissionais diante do conteúdo como também estimular sua própria capacidade criativa por meio da metodologia e do acompanhamento sócio afetivo dos estudantes, pois por meio do cuidado e do olhar compassivo para cada situação-problema que se apresenta referente aos estudantes, cria-se um laço de confiança e respeito, o que influencia diretamente na aceitação de conteúdo, interesse e aprendizagem.

Um ambiente em que há essa troca afetiva entre professor e estudante naturalmente se tornará um ambiente propício para refletir nas relações entre as próprias crianças, favorecendo a união de diferentes culturas em interação; as trocas de conhecimento, o interesse e a harmonia na convivência de diferentes crenças e hábitos culturais que se reúnem por um mesmo objetivo, assim como está previsto na BNCC e suas “Competências Gerais da Educação”:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 10).

O professor assume o papel de facilitador e motivador desse processo, é ele que tem a habilidade de projetar, questionando os estudantes de uma forma em que o faça pensar sobre os motivos de cada ação e resultados, de forma diferenciada para cada estudante pois, cada um pensa e entende de formas diferentes.

Sabemos que está não é uma proposta fácil de praticar no início, mas também não é impossível começar. A prática, o estudo, a atenção voltada para este foco e principalmente o acreditar formarão o conjunto necessário para o sucesso na práxis e a futura satisfação em notar um aprendiz mais completo em sua formação (NOGUEIRA, 2008, p. 99).

Os projetos podem contribuir amplamente para o desenvolvimento da escola, do discente e do docente como um todo, no entanto, para que haja sucesso nessa prática, o estudo é o primeiro caminho a ser percorrido, e este iniciará ainda durante a formação de professores, no curso de pedagogia. Da faculdade sairão os futuros docentes que assumirão as salas de aula na escola, e se durante a formação não receberem instrução e qualificação a respeito dessa didática, o mais propício é que esta pedagogia seja abstraída, e os projetos voltem ao ponto de serem somente cartazes espalhados nos corredores da escola. De acordo com o PCN:

REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

Além de uma formação inicial consistente, é preciso considerar um investimento educativo contínuo e sistemático para que o professor se desenvolva como profissional de educação. O conteúdo e a metodologia para essa formação precisam ser revistos para que haja possibilidade de melhoria do ensino. A formação não pode ser tratada como um acúmulo de cursos e técnicas, mas sim como um processo reflexivo e crítico sobre a prática educativa. Investir no desenvolvimento profissional dos professores é também intervir em suas reais condições de trabalho (MEC; SEF, 1997, p. 25).

Sendo assim, com o olhar voltado à nova geração de crianças e adolescentes, completamente dinâmicos e amparados pela tecnologia, a matriz do curso de pedagogia deve ser regularmente revisada e modificada de acordo com as necessidades da nova geração. Dentro dessa revisão, uma disciplina voltada para pedagogia de projetos se torna uma opção para instruir e preparar aqueles que estão se formando para encarar essa realidade em sala de aula: crianças dinâmicas, autênticas, pesquisadoras, questionadoras, críticas e com personalidade e culturas expressivas. Não tratando os projetos como momentos pontuais, mas pela visão de Candau (2012) como possíveis formas de dialogar e construir em conjunto ainda que dentro desses meios hajam grupos que sejam separados por procedências sociais, étnicas, religiosas etc.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em relação aos procedimentos metodológicos adotados para a efetivação desta pesquisa, classifica-se a mesma, de acordo com Gil (2002) como exploratória de caráter bibliográfico com pesquisa de campo do tipo observação não participante, adotando-se como ferramenta a observação da execução de um projeto cultural na escola campo e uma entrevista semiestruturada com a responsável pelo projeto.

Entendendo-se a pesquisa como uma investigação realizada por meio de um estudo bibliográfico aprofundado sobre determinado assunto, se faz necessário um planejamento para classificar e dividir os aspectos que devem ser estudados, analisados e compreendidos para a resolução do problema de forma clara e organizada. Portanto, para toda e qualquer realização de uma pesquisa científica há a necessidade da metodologia como ferramenta fundamental para guiar seu curso, pois a pesquisa “é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos”. (GIL, 2002, p. 17).

Assim, ao descrever o percurso metodológico utilizado para realização da pesquisa que possui uma abordagem qualitativa de análise de dados, foram utilizadas como ferramentas de coleta de dados a observação e a entrevista com os responsáveis pelo projeto, ambas realizadas em uma Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental, situada no município de Quirinópolis-GO, com foco a responder a problemática de como a interculturalidade pode contribuir para o crescimento pessoal e conhecimento dos educandos por meio dos projetos escolares no Ensino Fundamental?

3.1 Tipo de Pesquisa

Tipifica-se a presente pesquisa como exploratória por ser o tipo mais comum de pesquisa aplicada aos trabalhos de conclusão de curso. Classifica-se ainda esta pesquisa como de caráter bibliográfico. Considerando a classificação dada por Gil (2002, p.41), a pesquisa de caráter bibliográfico permite maior proximidade e familiaridade com o problema, além de deixá-lo mais explícito e possibilitar a construção de hipóteses.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, querem publicadas, quer gravadas (LAKATOS, 2003, p.183).

No contexto citado, o pesquisador pode encontrar diferentes pontos de vista sobre o assunto e por meio de sua assimilação e reflexão, construir seu próprio ponto de vista, podendo chegar a novas conclusões a respeito do tema abordado. Sendo assim, para construção conceitual dessa pesquisa foram consultadas bibliografias que envolveram pensadores como Candau (2008); Brandão (2002); Santos (1987); Freire (1981); Oliveira (2015); Santiago, Akkari e Marques (2013); Nogueira (2008) que permitiram o aprofundamento necessário à compreensão do tema proposto.

Segundo Gil (2002) a pesquisa de campo se caracteriza por ser capaz de se aprofundar nas questões levantadas, estudando um único grupo ou comunidade ressaltando a interação entre seus componentes, por isso, é utilizado muito mais a observação do que o interrogatório como ferramenta:

Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias (GIL, 2002, p. 53).

Para análise dos dados, foi utilizada uma abordagem qualitativa, de modo a se analisar e interpretar os dados de acordo com a experiência de campo mantendo “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. (SILVA; MENEZES, 2000, p. 20). Goldenberg (2003) ainda traz considerações em relação a subjetividade e a despadronização dos dados desse tipo de pesquisa:

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador (GOLDENBERG, 2013, p. 53).

A análise qualitativa dentro do que fora citado, permite ao pesquisador imprimir suas posições pessoais de modo a balizar o conteúdo apreendido e discutido.

3.2 Universo da pesquisa

O local escolhido para coleta de dados foi a Escola Municipal Raio de Sol, situada no município de Quirinópolis - GO, na Avenida Santos Dummont S/N, centro. A escola funciona das 7:00h às 11:10h no período matutino, e das 13:00h às 17:10h no período vespertino.

O prédio da unidade é composto de 12 salas de aula, 01 secretaria, 01 cantina, 04 banheiros para estudantes, 02 banheiros para funcionários, 01 depósito de merenda, 01 almoxarifado/lavanderia, 01 sala de professores, 01 pátio, 01 quadra, 01 biblioteca, 01 sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado), 01 parque infantil.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa foram uma professora, do sexo feminino, graduada em História e Pedagogia, com especialização na área da Psicopedagogia e seu grupo de 32 crianças (sendo 20 meninos e 12 meninas), estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental no período vespertino.

3.4 Instrumentos utilizados

Este trabalho foi desenvolvido primeiramente por meio da observação não participante, com visitas matutinas realizadas durante um evento cultural promovido pela escola campo, cujo tema era “Mão na Massa” para acompanhar o desenvolvimento do projeto didático utilizado como objeto de observação.

Também foi realizada uma entrevista composta por cinco questões que foram previamente apresentadas à professora responsável pelo projeto analisado, com a intenção de verificar qual seu olhar a respeito da eficácia da interculturalidade quando aliada aos projetos escolares.

3.5 Análise de dados

A observação realizada na escola Municipal Raio de Sol, teve enfoque em um projeto pedagógico denominado “Mãos na Massa”, com crianças do 4º Ano “C” do Ensino Fundamental, no período vespertino. O projeto foi apresentado à coordenação e aos pais por meio de reuniões para exposição dos objetivos anteriormente a execução.

O projeto “Mão na Massa” utilizado como objeto de análise desta pesquisa teve como objetivo geral auxiliar as crianças nos conceitos da Matemática, Linguagem e Ciências, colaborando no processo de ensino e aprendizagem de forma prática, lúdica, atendendo e atingindo diversos níveis de aprendizado. A autora ainda cita a respeito da oportunidade dada

ao professor para realizar uma reflexão sobre sua própria prática, recriando e inovando e fortalecendo o professor e o educando no processo de ensino-aprendizagem.

Quanto aos objetivos específicos, propostos no projeto escolar, estão: aprimorar aspectos da leitura e da oralidade por meio da contação de história; aprender a trabalhar em grupo e individualmente, respeitando as ideias dos outros; reconhecer e ampliar, o vocabulário próprio do estudante, valorizando seu conhecimento prévio; desafiar os estudantes com palavras e expressões desconhecidas do seu cotidiano; desenvolver princípios éticos de respeito e de diálogo cultural e cristão a partir de diferentes contextos; perceber a importância do diálogo; saber utilizar conceitos científicos básicos associados a meio ambiente, alimentação, corpo humano e tecnologia; compreender a saúde pessoal, social e ambiental como bens individuais e comuns que devem ser promovidos pela ação coletiva; compreender a natureza como um todo dinâmico, sendo um ser humano parte integrante e agente de transformações do mundo em que vive; desenvolver a competência leitora e de compreensão de textos informativos e científicos; ter conhecimento sobre preservação respeito e cuidado com a natureza.

A metodologia do projeto envolveu o convite aos educandos para participarem, posteriormente junto a família e os conteúdos abordados em sala, foi efetivada a criação do projeto. Posteriormente, em sala de aula foi realizado o levantamento prévio sobre os temas do mesmo; a busca de materiais para realização das atividades; a ligação dos problemas colocados em pauta; a prática social das crianças no seu cotidiano e por fim foi elaborado um evento para toda escola: uma feira expositiva com maquetes e materiais lúdicos sobre os temas abordados e trabalhados, havendo ainda uma apresentação teatral/musical do conto “O mágico de Oz”.

A princípio, a professora permitiu que eles escolhessem se queriam realizar as apresentações sozinhos ou em duplas, pois cada um trabalharia com um tema, pesquisando e compreendendo do começo até o final, na culminância onde apresentaram seus trabalhos para a escola. Após serem apresentados os conteúdos, alguns queriam trabalhar o mesmo tema, e para não gerar conflito foi realizado um sorteio. Quanto à escolha do tema. A esse respeito, Pacheco (2007) afirma que deve-se voltar sempre para o interesse do estudante, e o professor deve entrar com o objetivo de realizar estratégias para proposição dos mesmos.

Os conteúdos/tema sorteados envolveram diversos componentes curriculares como: os prismas; verminoses; relevo; dengue; as primeiras formas de comunicação humana; escravidão africana; medidas de massa e de capacidade; medidas de tempo; ábaco, ordens e classes; pirâmides; a importância da geometria; a importância da reciclagem; as fases da lua; microrganismos, antibióticos, as vacinas; cadeia alimentar; as estações do ano; mudanças do estado físico da água; o ciclo da água; pontos cardeais e pontos colaterais.

Na sequência, foram sorteadas as datas para que os estudantes se preparassem para realizarem as apresentações em formato de seminário ao longo das semanas. A professora relatou que alguns demonstraram entusiasmo ao receber seu tema, enquanto outros demonstraram desânimo e dificuldade de compreensão, entretanto todos dispuseram de auxílio e compaixão uns com os outros, ao passo em que percebiam dificuldades, os que tinham mais conhecimento sobre o assunto, compartilhavam e auxiliavam o outro. Neste momento, é interessante notar o trabalho coletivo onde todos demonstraram sobretudo respeito um para com o outro, propiciando a reflexão e a interação com a cultura de forma internalizada/externalizada. Dessa forma as crianças puderam adquirir outra perspectiva a respeito do ensino-aprendizagem PCN (1997), despertando seu lado artístico-cultural, fugindo da ideia de que as aulas são monótonas e exaustivas.

Após a apresentação dos seminários, a professora marcou a data da culminância do projeto, que foi realizado dia 07 de novembro de 2019, para que os educandos se preparassem e buscassem construir maquetes que expressasse, de forma concreta, o aprendizado que eles tiveram a respeito do tema. Enquanto todos trabalhavam em casa, na escola iniciou-se os ensaios para o teatro e o musical. A professora contou com uma coreógrafa que auxiliou nos movimentos da dramatização, os quais foram somente algumas crianças que participaram. Enquanto que o musical envolveu todos sem qualquer exceção. Esta prática simbolizou a progressão e união do conhecimento teórico com a prática, ao passo que proporcionou também experiências envolvendo a estética e a interculturalidade citadas pela BNCC (2018):

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender. Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente (BNCC, 2018, p. 59).

Por fim, realizaram a feira expositiva na quadra da escola onde apresentaram todo o trabalho desenvolvido em sala de aula, iniciando primeiramente com o teatro/musical e posteriormente se posicionando à frente das suas maquetes (a maioria construída com escolha de material reciclável) dos temas apresentados em sala e expuseram seu trabalho ao público de toda a escola, explicando do que se tratava cada uma. Os pais também foram convidados a participar e assistir a exposição e ao espetáculo. A família que estava na plateia vibrou com a bela apresentação, que contribuiu artística e culturalmente para todo aprendizado dos educandos envolvidos quanto aqueles que vieram assistir.

Neste sentido observou-se que o projeto possibilitou que a questão cultural fosse trabalhada, de modo que os estudantes e toda comunidade pudessem participar, propiciando o exercício da cidadania conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais:

O exercício da cidadania exige o acesso de todos à totalidade dos recursos culturais relevantes para a intervenção e a participação responsável na vida social. O domínio da língua falada e escrita, os princípios da reflexão matemática, as coordenadas espaciais e temporais que organizam a percepção do mundo, os princípios da explicação científica, as condições de fruição da arte e das mensagens estéticas, domínios de saber tradicionalmente presentes nas diferentes concepções do papel da educação no mundo democrático, até outras tantas exigências que se impõem no mundo contemporâneo (PCN, 1997, p. 27).

Além da observação, também foi realizada uma entrevista semiestruturada com a professora autora do projeto, a qual conteve 5 questões-base para análise, além de uma parte reservada para identificação (nome; formação; área de atuação). As questões foram previamente apresentadas à entrevistada, a qual consentiu com a colaboração e exposição dos dados para análise da pesquisa. A entrevista foi gravada e transcrita seguindo as etapas de seleção e codificação de dados citadas por Lakatos (2003), e os resultados das análises realizadas serão apresentados sobre os níveis de interpretação, explicação e especificação ainda propostos pela autora com vista a responder a questão-problema central da pesquisa.

Diante o exposto e sobre análise da entrevista realizada, na qual a primeira questão apresentada a referida professora foi relacionada aos benefícios dos projetos escolares, foi verificado que a professora acredita que os projetos são importantes e tem muito a contribuir em diversas áreas: “por meio dos projetos nós podemos integrar várias áreas do conhecimento, nós podemos desenvolver várias habilidades e as capacidades das crianças, nós também podemos trabalhar as dificuldades que elas têm por meio dos projetos, a interação e socialização”, fala essa que corresponde com Nogueira (2008) a respeito dos projetos interdisciplinares:

Tratando-se de um projeto interdisciplinar, um dos objetivos que se pretende atingir é a integração das disciplinas e dos diferentes saberes das várias áreas do conhecimento. Espera-se que essa integração ocorra por parte de todos os participantes do processo de ensino-aprendizagem (professores e estudantes) (NOGUEIRA, 2008, p. 133).

Sobre os desafios de se trabalhar com a pedagogia de projetos, segundo a professora as maiores barreiras encontradas provêm da aceitação relacionada a comunidade escolar e as famílias, pois quando se cria um projeto ele deve ser apresentado a todos e isso pode ocasionar rejeições. Entretanto, a mesma acredita que, se isso for bom para as crianças, mesmo com a não aceitação dos demais, deve ser decidido com a coordenação o que é melhor para o estudante, pois segundo ela “os meus estudantes sempre merecem o melhor de mim, [...] mesmo os colegas

não aceitando”. Neste sentido, Gardner (1995) diz que se forem abraçados os objetivos e métodos por meio de uma abordagem centrada no indivíduo, sem dúvidas haverá progressos na educação.

Diante da questão “o que você entende por interculturalidade? como isso se apresenta no contexto escolar?” a entrevistada compreendeu o assunto como complexo, pois existem diversas questões que envolvem as amplas dimensões que compreendem a cultura e a relação entre elas, suas considerações foram: “Cada um de nós vem de uma cultura diferente, e assimilar, aceitar e respeitar a cultura do outro, existe uma lacuna entre o aceitar, o querer e entre o conviver. [...] a minha liberdade termina onde começa a do outro e aceitar a cultura do outro às vezes implica em eu permanecer calado, não argumentar e esperar e depois me pronunciar [...] é importante as crianças conhecerem outras culturas, por exemplo, nós recebemos muitos estudantes de outros estados, e que tem culturas e falam palavras diferentes que quando pronunciadas no nosso contexto de sala de aula, as crianças acham estranho porque desconhecem o linguajar”.

Nesse sentido, a entrevistada destaca que é preciso ter esse conhecimento vasto que a interculturalidade pode proporcionar para nós, dentro do espaço da sala de aula, sempre prevalecendo o respeito entre ambas as partes daquele que vai aprender do outro, do que o outro está trazendo para nós e do educador também por que o educador tem que ter o máximo de cuidado possível ao trabalhar esses conteúdos em sala de aula.

A fala da professora a respeito da interculturalidade traz considerações importantes que foram abordadas ao longo da pesquisa bibliográfica no sentido de reconhecer que existem múltiplas culturas e elas conversam entre si à medida em que nos relacionamos com o externo, nos expondo e observando o que nos é exposto, compreendendo o limite do julgamento como respeito ao indivíduo e sua própria maneira de ser/agir/pensar e se expressar de maneira geral. Dentro da BNCC (2018) esse cenário se configura na forma de algumas qualidades e práticas citadas nas competências gerais para educação básica como: a valorização da diversidade de saberes e vivências culturais, autonomia, consciência crítica, comunicação, empatia etc. Competências essas que podem ser integradas na práxis cultural pedagógica, de forma que a cultura seja “abordada em sala de aula, de uma maneira que possa somar, integrar, e não disseminar discórdia, ela tem que acolher e não segregar”.

Por fim, a pergunta “No seu ponto de vista, a interculturalidade aliada aos projetos escolares pode ter resultados significativos no processo de ensino e aprendizagem? se sim, de que forma?” revelou que na visão da profissional, os projetos podem contribuir para o processo da expansão do conhecimento pois “vai estar abordando inúmeras situações e contextos que

vão fazer diferença na vida da criança. [...] é tão significativo quando a criança consegue assimilar coisas que até então ela desconhecia [...] poder abordar essas questões de culturas diferentes em sala de aula, que as crianças podem assimilar isso de uma maneira respeitosa com o outro, é gratificante”. Diante dessa afirmação torna-se evidente que: “A prática, o estudo, a atenção voltada para esse foco e, principalmente, o acreditar formarão o conjunto necessário para o sucesso na práxis e a futura satisfação em notar um aprendiz mais completo em sua formação” (NOGUEIRA, 2008, p. 183).

Em suma, no decorrer da pesquisa de campo, observou-se que o projeto possibilitou que a questão cultural fosse integrada na escola, de modo que os educandos e toda comunidade pudessem participar, propiciando o exercício da cidadania conforme citado nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

O exercício da cidadania exige o acesso de todos à totalidade dos recursos culturais relevantes para a intervenção e a participação responsável na vida social. O domínio da língua falada e escrita, os princípios da reflexão matemática, as coordenadas espaciais e temporais que organizam a percepção do mundo, os princípios da explicação científica, as condições de fruição da arte e das mensagens estéticas, domínios de saber tradicionalmente presentes nas diferentes concepções do papel da educação no mundo democrático, até outras tantas exigências que se impõem no mundo contemporâneo (PCN, 1997, p. 27).

A relação e a interação entre indivíduos de culturas diferentes, oportunizou o desenvolvimento da interculturalidade, viabilizando o respeito e o reconhecimento de sua própria identidade. Dentro do projeto, ao ensaiar o teatro, por exemplo, as crianças se ajudaram, trocaram ideias e conviveram umas com as outras. Conforme o PCN (1997) essa função socializadora refere-se a dois aspectos: o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural. São nesses aspectos que os indivíduos se constroem como pessoas iguais e ao mesmo tempo diferentes, por dividir com outras pessoas conhecimentos e saberes que aprende individualmente, e ao mesmo tempo em que não há desenvolvimento individual possível à margem da sociedade e da cultura.

Desta maneira o projeto pode contribuir não só para o conhecimento curricular exigido pela escola, como também para a expansão das capacidades e habilidades que, aliadas a interculturalidade contribuem para a construção da consciência crítica, pesquisadora, empática e muitas outras qualidades que fazem parte da formação de um indivíduo íntegro tanto na escola quanto na sociedade, e principalmente em si mesmo.

CONCLUSÃO

A partir dos dados analisados com o objetivo de investigar como a interculturalidade pode contribuir para o crescimento pessoal e conhecimento dos estudantes por meio dos

projetos escolares no Ensino Fundamental, levando em consideração todo referencial teórico estudado e a pesquisa de campo realizada, foi possível constatar que os projetos possuem um amplo potencial para contribuir na formação intercultural das crianças, entretanto para isso é necessário que haja integrados alguns segmentos que levam ao sucesso desta prática.

Partindo do pressuposto de que o professor é o mediador de todo processo, é necessário que a universidade forme profissionais da educação que estejam preparados para a formação cultural e que busquem conhecimento para trabalhar a pedagogia de projetos como meio. O educador deve conhecer, estruturar e mediar a educação cultural na direção de formar cidadãos que são culturalmente reconhecidos, por eles mesmos primeiramente, e que posteriormente reconheçam, respeitem e aprendam com outras culturas diferentes da sua, compreendendo a cultura como parte indissociável de quem somos, pois já nascemos inseridos em um contexto cultural e ao longo da vida construímos nossa própria cultura por meio das relações com as outras formas culturais.

A interculturalidade é sempre trabalhada de maneira intencional, tornando-se base de respeito, abertura e empatia, beneficiando o relacionamento tanto com outras pessoas quanto com o conteúdo que, se desenvolvido por meio do olhar sensível poderá ser percebido como parte integrante da vida do estudante e não só matéria vazia apresentada pela escola. Essa relação intercultural produzirá significado, sentimento e experiência, o que torna possível maior fixação dos conteúdos curriculares tanto quanto o desenvolvimento de habilidades subjetivas que são do campo das relações sociais, afetivas e intelectuais.

A pedagogia de projetos viabiliza o meio para que isso aconteça, pois por meio dela como método é possível levar o educando a se sentir entusiasmado, motivado e instigado a pesquisar, criar e compreender para poder então ser o próprio autor da sua história e seu aprendizado, mostrando de forma aberta tudo o que ele mesmo pôde compreender por meio de suas experiências e estudos, ao passo em que se expõe trabalhando questões como vulnerabilidade social, exposição relacionada a fala ao público, autoconfiança, autoestima, tolerância, capacidade de ouvir e ser ouvido etc.

Sabe-se que poderão surgir inúmeros desafios para desenvolver os projetos, pela falta de recursos, espaço físico e condições que dificultam o desenvolvimento de um ambiente agradável e harmônico para o aprendizado. Por isso, o professor deve estar preparado psicológica e didaticamente e encontrar saídas por meio da criatividade para contornar essas situações adversas que possam ocorrer, sem que isso afete a qualidade do ensino dos educandos ou que os projetos se tornem somente atividades com significados reduzidos a cartazes nos corredores e cópias da internet.

Após observar o desenvolvimento do projeto na Escola Municipal Raio de Sol, foi possível perceber o quanto é importante o professor estar previamente informado e ter conhecimento para trabalhar com metodologia de projetos com um olhar ativo e atencioso voltado para as relações interculturais. A professora, que demonstrou ter domínio sobre a prática, comprovou o que foi abordado nos referenciais teóricos a respeito dos projetos e sua eficácia, e a interculturalidade foi trabalhada de forma subjetiva, entretanto presente enquanto propiciou-se experiências que envolveram exposição a diversidade cultural, habilidades de pesquisa e respeito ao próximo.

O objetivo de ensinar foi alcançado por meio da quebra do estigma na cabeça dos educandos sobre os conteúdos serem muito difíceis ou eles mesmos serem incapazes de aprender, pois descobriram que além de serem capazes de compreender, também podiam ensinar aos outros colegas o que aprenderam. Com isso, ela conseguiu unir as demais matérias ao projeto e trabalhar a interculturalidade, proporcionando um ensino integrado.

A hipótese apresentada para a problemática desta pesquisa foi confirmada ao longo do percurso, uma vez que compreendemos que os projetos escolares trabalhados da maneira adequada, atuam como uma ferramenta que aliada a interculturalidade, operam de maneira eficaz na solução de conflitos e possibilitam o conhecimento de mundo.

Por fim, a questão da interculturalidade aliada aos projetos escolares, permite aos educandos aprenderem a respeitar as diferenças, trabalhar em grupo, pesquisar, desenvolver o pensamento crítico, ouvir e argumentar, além de desenvolverem autoconfiança por meio das situações de desafio: expressando quem são, conhecendo e respeitando tanto sua própria cultura quanto a do outro e aprendendo sobre o valor da diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

- BOUTINET, J. P. **Antropologia do projeto**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: <BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf(mec.gov.br)>. Acesso em: 16 fev. 2021.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <Introdução(mec.gov.br)>. Acesso em: 16 fev. 2021.
- CANAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. Educação Social**. N. 118. V. 33. 2012. P. 235-250. Disponível em: <Rev118_Completa16x24_01062012_Gr.fica.indd(scielo.br)>. Acesso em: 01 jan. 2021.
- CANAU, Vera Maria Ferrão. *Educação Escolar: entre o “sequestro” e a “reinvenção”?*. Revista Novamerica, n. 145. 2015, Rio de Janeiro.
- CANEN, A. & OLIVEIRA, A.M.A. **Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação. n.21. 2002 p. 61-74.

- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ESCOSTEGUY, Cléa Coitinho. **Estudos Culturais em Educação**. São Paulo: Sagah Educação, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: editora UNESP, 2000.
- GARDNER, H. **The unschooled mind: how children think and how schools should teach**. New York: BasicBooks, 1991.
- GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- CANAU, Eva Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. **Interculturalidade e Educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa**. V.10, n. 29. Curitiba: revista diálogo educacional, 2010.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MACHADO, N. J. **Cidadania e educação**. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo, diferença cultural e diálogo**. Educação e Sociedade, vol. 23, n. 79, 2002. P. 15-38. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10847.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia dos projetos: etapas, papéis e atores**. 4. ed. São Paulo: Érica, 2008.
- NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. 7. ed. São Paulo: Érica, 2007.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil**. Curitiba: CRV, 2015.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Ensinar Aprendendo: A Práxis Pedagógica Do Ensino Por Projetos No Ensino Fundamental**. V. 8. N. 2. Florianópolis: PerCursos, 2007.
- SANTIAGO, Mylene Cristina; AKKARI, Abdeljalil; MARQUES, Luciana Pacheco. **Educação Intercultural: Desafios e possibilidades**. 1. ed. V. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 195. ISBN 978-85-326-4493-0.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 6 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Revista Atual. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <l (ufsc.br)>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- SJ, Xavier Albó. **Cultura, Interculturalidade e Inculturação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. ISBN 85-15-03110-8.
- SOUZA, Gerson Martins de; PEREIRA, Tarcísio José. **Cultura popular**. Brasília, Projeção, 2014.
- WEISSMANN, Lisette. **Interculturalidade e Vínculos Familiares**. São Paulo: Editora Blücher, 2019.

Enviado em: 06/12/2021.

Aceito em: 09/12/2021 (Artigo pré-aprovado nas bancas de TCC da UEG UAB 2021/1).